

Resenha

Vir de Reims: a sociobiografia de Didier Eribon

*Letícia Núñez Almeida**

Resenha do livro ERIBON, Didier. **Retorno a Reims**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2021.

É claro que alguém que conhece a obra de Didier Eribon não é ingênuo de pensar que o livro *Retorno a Reims* seria um livro apenas sobre o seu passado, a sua família de uma cidade provinciana do interior da França. A crítica sociopolítica já era esperada, assim como o relato da morte de seu pai e o distanciamento necessário do núcleo familiar para viver sua orientação sexual e filosófica. Até aí ele estava nos contando uma história bastante comum no meio acadêmico, de qualquer lugar do planeta. Muitos intelectuais e outros profissionais bem sucedidos, especialmente os gays, necessitaram sair da sua aldeia para poder encontrar suas tribos e tentar viver sua identidade e alteridade em segurança. Em muitos casos é questão de sobrevivência, para escrever um capítulo novo em suas vidas, apesar e a partir da história dos seus familiares.

Isso também acontece com quem nasce em uma família racista e não quer seguir a dinastia, e/ou homofóbica, e/ou machista e misógina, o que hoje no Brasil se chama de Família Bolsonaro, uma qualidade pavorosa de gente que sempre existiu, mas que agora tem bandeira, orgulho de ser racista, discriminam, ameaçam, andam armados, matam quem não pensa como eles, organizam golpes de Estado, fabricam e disseminam *fake news* investindo fortunas na desinformação política. Uma verdadeira tragédia contemporânea.

Até aí parece não haver novidades. Afinal, o que mudou nos últimos séculos em relação às polaridades políticas e às violações dos Direitos Humanos? É o que Didier Eribon explica elegantemente em sua socioanálise. Didaticamente ele conta que agora além da tradicional aristocracia

reacionária, há também a família que mergulha em Reims, que não se cala, que prefere ficar só a compartilhar a mesa de refeições ou de trabalho com misóginos, racistas e homofóbicos. Que opta por perder privilégios a ter amigos preconceituosos e fascistas, que não ri de piadas xenofóbicas, que se ofende pelo coletivo, mesmo que não faça parte dele diretamente.

Eribon pega o leitor pela mão e o leva à nossa Reims, os lugares que tivemos que deixar para sobreviver. Com ares do “Esboço de Auto-análise” de Pierre Bourdieu (2005) - que teve por objetivo inspirar os seus pares a escrever biografias - a continuidade do pensamento bourdieusiano se revela quando o autor entrelaça sua infância humilde no interior da França com a vida intelectual eletrizante de Paris. Bourdieu (2005) pontuou o momento que Eribon não viveu, o momento da consagração como titular da cadeira de Sociologia no Collège de France, que representa o *habitus clivado* o produto do encontro de contradições e tensões que permearam suas pesquisas e trajetória. Eribon, escancara os seus fantasmas, ele se permitiu ir além de um esboço de autoanálise, até fazer uma crítica inusitada ao livro, questionando os porquês de Bourdieu não ter falado dos sentimentos que movimentaram o seu percurso acadêmico.

Eribon é vanguarda em falar de si para explicar questões sociais da França, da dor que não o deixou ir ao velório do pai, do arrependimento de não ter convivido com ele em vida, da forma como se sentia em relação ao irmão, das distâncias e das proximidades entre a sua trajetória pessoal e profissional, das frustrações que permearam suas vitórias. Um intelectual revelando o quanto dói não ser aceito na tão sonhada seleção para professor universitário, ele falou dos nãoos que todos nós recebemos cotidianamente e fingimos ser indiferentes para seguir mantendo a envergadura acadêmica que aparece gloriosa nos artigos A1, nas conferências e agora nos perfis e nas publicações das redes sociais.

Eribon queria ser um docente de Sociologia em uma universidade reconhecida pelos seus pares, passou a vida se formando para isso, mas não era o suficiente. Ele conta que teve o reconhecimento de seu trabalho e talento nos caminhos do jornalismo *freelancer*, escrevia, entrevistava, circulava em diferentes grupos parisienses, se relacionava com facilidade com jornalistas, políticos etc. Raras pessoas conseguiram (e conseguem) circular de forma harmoniosa em ambientes tão hostis, com tanta competição de egos, disciplinas, política... O que parece ser tudo a mesma coisa.

Nessa paisagem *underground* esteve perto e conviveu com os principais intelectuais de nosso tempo, que ironia do roteiro. Quem não trocaria seu cargo na universidade para ser amigo e confidente de Pierre Bourdieu? Quem prefere manter uma plaquinha com o seu nome na porta da sala do departamento de Ciências Sociais ou escrever um livro *codo a codo* com Lévi-Strauss? Será que é mais enriquecedor, em vez de ser um professor titular de Sociologia, ter a confiança e a bala na agulha para escrever a biografia de Michel Foucault?

Talvez essas relações se deram justamente porque ele dialogava, mas estava fora das disputas do campo acadêmico francês. O interessante é a forma como ele apresenta essa trajetória, utilizando dos conceitos de capital social e cultural para explicar seus fracassos e glórias profissionais. Ele articula os conceitos utilizando-os de forma indireta, implícita, coisa que só um grande escritor e professor consegue fazer com a linguagem, faz o leitor entender perfeitamente do que se está falando sem explicar cartesianamente nada, a simplicidade é coisa de gênio.

Ele vai descrevendo os eventos de sua vida e ensinando minuciosamente como compreender os conceitos bourdieusianos de capitais, de campo e de habitus na sociedade e dentro do enredo de sua trajetória, sem separar as esferas de sua vida privada com a do Social. De forma que quando Eribon leva quem o lê até o momento de sua biografia em que ele já possuía um volume de capitais que o permitiu entrar em campo no jogo acadêmico para disputar e vir a lecionar Sociologia como professor universitário,

desperta uma gama de sentimentos como a alegria pela vitória pessoal do autor; e de satisfação intelectual pela confirmação de uma hipótese sociológica absolutamente genial.

Comovente essa escrita “De perto e de longe” (LÉVI-STRAUSS, ERIBON, 1990) na qual ele consegue brilhantemente escrever um texto acadêmico colocando-se no meio da encruzilhada formada pelo seu pouco comum percurso intelectual, pela sua intimidade, pelos seus sentimentos e sua racionalidade. Ele não separa os caminhos, mostra como o todo é formado por uma complexidade de contradições, escolhas, frustrações e angústias. Tal riqueza já se havia apresentado em suas obras anteriores, especialmente no livro supracitado que descreve a entrevista ao antropólogo Lévi-Strauss, na qual ambos conversam sobre a história das Ciências Sociais do ponto de vista histórico, político e pessoal de ambos.

Didier é marxista, só que não. Vir de Reims, ter crescido em uma família de operários distantes da cultura distinta lhe ensinou que mentir ter lido *Os Miseráveis* e gostar de música clássica era necessário em um mundo onde as moralidades tem outras leis. Ele hoje é herdeiro e nos brinda com a coragem de dizer que o que importa são as relações e os sentimentos que se constroem dentro e fora do campo, estas sim não têm preço, e, sim, valor.

* **Leticia Núñez Almeida** é doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo - USP, com estágio de pós-doutorado pela Faculdade de Relações Internacionais da UFRGS, mestre em Sociologia pela UFRGS e graduada em Direito pela UCPEL. Atualmente é docente e pesquisadora do Centro de Estudos sobre Políticas Educativas da Universidad de la República del Uruguay e faz parte da Associação Nacional de Investigadores do Uruguay - ANII. Autora dos livros: *Subsistemas fronteiriços do Brasil: mercados ilegais e violência*; *O estado e os ilegalismos nas margens do Brasil e do Uruguai: um estudo de caso sobre a fronteira de Sant'Ana do Livramento (BR) e Rivera (UY)*; *Tolerância Zero ou Nova Prevenção: a experiência da política de segurança pública do município de Porto Alegre*; e *Perros del Diablo*.

Contato: leticia.negrita@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2486-5511>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5969043947216249>

Artigo recebido em: 12/04/2024

Aprovado em: 12/06/2024

Como citar este texto: ALMEIDA, Leticia Núñez. Vir de Reims: a sociobiografia de Didier Eribon. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 10, nº 01, p. 331-336, 2024.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ERIBON, Didier. **Retorno a Reims**. Belo Horizonte, Editora Âyiné, 2020.

LÉVI-STRAUSS, Claude; ERIBON, Didier. **De perto e de longe**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.